

Carta Pastoral

para o

Ano da Eucaristia

Dom Beto Breis
Bispo diocesano





CARTA PASTORAL

POR OCASIÃO DA ABERTURA DO ANO DA EUCARISTIA EM
NOSSA DIOCESE DE JUAZEIRO
A CAMINHO DO JUBILEU DE DIAMANTE DE SUA
CRIAÇÃO (1962-2022)

Aos membros do clero, religiosos e religiosas,
Ao querido Povo de Deus de nossa Igreja
Particular.

Amados Diocesanos,

Paz e bem!

1. RUMO AO JUBILEU

No próximo ano nossa Diocese celebrará 60 anos de sua criação através da Bula *Christi Ecclesia* (Igreja de Cristo), de São João XXIII, de 21 de julho de 1962. Como acenamos em carta pastoral que lhes dirigimos no ano passado por ocasião da abertura do Ano da Palavra, trata-se de um tempo privilegiado para

olharmos com gratidão o passado, vivermos com paixão o presente e abraçarmos o futuro como portadores de esperança.

Em nosso Plano Diocesano de Pastoral, aprovado na Assembleia de Pastoral realizada em novembro de 2019, estabelecemos um tríduo de celebração desse Jubileu. Cada ano tem trazido particularmente presentes pilares da Comunidade Missionária, colunas sobre as quais, de maneira irrenunciável, se sustenta a Igreja, casa que acolhe e envia em Missão. Este ano de 2021 será o **ANO DA EUCARISTIA** e é justamente a propósito daquela que é a fonte e o ápice da vida da Igreja que vos dirigimos esta nossa Carta Pastoral.



2. O AMOR DE DEUS EXPLICA A EUCARISTIA

Sabemos por experiência que amar é sair de si, des-locar-se, co-locar-se no lugar onde está o outro amado: ser presença real. Sendo assim, o amor é exigente, pois é sempre des-medido, sem cálculos e imposições de fronteiras\limites. Em tempos de fácil descartabilidade, de “amores líquidos” e de frágeis relacionamentos, importa reforçar esse princípio fundamental e trazer de novo ao coração (recordar) que em Cristo encontramos a perfeição e a plenitude do Amor.

Se desde o evento fundante de sua História, o Êxodo (saída do Egito), o Povo de Israel descobriu um Deus que desce ao seu encontro (Ex 3,8), essa realidade se torna plena e definitiva em Cristo Jesus. Em sua Encarnação temos a radicalização absoluta e extrema do descer de Deus¹, que rompe as barreiras e distâncias manifestando sua sim-patia e ternura. São

¹ Ver Filipenses 2,5-11

Francisco de Assis, contemplando surpreso e encantado a presença do Senhor no seu Corpo e Sangue sobre o altar, afirmava tratar-se do prolongamento na História dessa afetuosa humildade da Encarnação, do seu descer ao nosso encontro:

*"Eis que Ele se humilha todos os dias; tal como na hora em que, descendo do seu trono real para o seio da Virgem, vem diariamente a nós sob a aparência humilde; todos os dias desce do seio do Pai sobre o altar, nas mãos do sacerdote"*²

São João Paulo II seguindo essa mesma bela compreensão afirma que *“no sacramento da Eucaristia o Salvador, que se encarnou no seio de Maria vinte séculos atrás, continua a oferecer-Se à humanidade como fonte de vida divina”*³.

Na Eucaristia Jesus não dá “alguma coisa”, mas dá-se a si mesmo, pois ao instituir a

² Admoestações 1,16

³ Mane Nobiscum Domine, 7

Eucaristia Ele implica toda a sua vida de doação e antecipa o sacrifício da cruz e a sua ressurreição. A Missa que celebramos é memória de Jesus em sua entrega, morte e ressurreição sob os sinais singelos de uma ceia, memória de quem até o fim manifestou o amor do Pai, transformando uma morte violenta e absurda num ato de amor absoluto: “*Amou-os até o fim*” (João 13,1). Nestes tempos difíceis que ora atravessamos, como é bom lembrar que o Senhor por vezes silencia, mas jamais se afasta de nós e se torna indiferente às nossas vicissitudes!



3. EDUCADOS JUNTO À MESA DO SENHOR

COMUNHÃO COM O SENHOR - Celebrar

dignamente a Eucaristia para nós discípulos de Jesus deve comportar, portanto, um empenho permanente de comunhão com Ele, em sua vida e em sua Missão. Seremos sempre mais con-figurados e con-formados a Ele, aos sentimentos do seu coração e à sua vida assumida e entregue por amor. Mais importante que uma devoção eucarística, importa uma vida feita Eucaristia. Bem afirma aquele belo canto que entoamos em nossas celebrações: *“Diante do altar, Senhor, entendo minha vocação: devo sacrificar a vida por meu irmão”*. De fato, *“as palavras da instituição da Eucaristia devem ser para nós não apenas uma fórmula de consagração, mas uma fórmula de vida”*⁴. Como o nosso primeiro bispo, Dom Tomás Murphy, ensinou e testemunhou essa verdade bela e interpeladora! Afirmava que “o projeto eucarístico de Jesus é a única chave de

⁴ São João Paulo II, Carta – Quinta-Feira Santa, 2005.

interpretação histórica capaz de criticar nossas opções concretas”⁵.

FONTE E EXPRESSÃO DE UNIDADE - A

Eucaristia edifica a Igreja e expressa sua unidade: *“uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão”*⁶. Em continuidade à afirmação do Apóstolo, São João Crisóstomo belamente ensinou que no pão da Eucaristia *“estamos unidos reciprocamente entre nós e, todos juntos, com Cristo”*⁷. Assim, ela exige que entre nós os laços de comunhão e os vínculos da paz sejam visíveis e concretos. Não é celebrada dignamente a Eucaristia onde não acontece a unidade (na possível e real diversidade) e onde o diálogo é ausente devido a rixas, divisões e intolerâncias. Como é bom lembrar dessa verdade em tempos de tantos “devotos” e novos “mestres da lei” que se

⁵ In Molulo, Maria das Graças (org.), *A Vida Eucaristizada de Dom Tomás Murphy*, Ed.Vozes, Petrópolis, 1997

⁶ 1 Coríntios 10,17

⁷ Homilias sobre a I Carta aos Coríntios, 24

arvoram em juízes cruéis dos que não aderem às suas ideias e pretensas convicções.

GERADORA DE SOLIDARIEDADE - A Eucaristia, Sacramento do Amor, será autenticamente celebrada quanto mais fizer crescer em nós a consciência acerca da dignidade de todos e de cada pessoa humana, afinal, ela *“não é expressão de comunhão apenas na vida da Igreja, mas também projeto de solidariedade em prol da humanidade inteira”*⁸. Na Parábola do Bom Samaritano⁹, que tanto tem-nos iluminado e interpelado nestes tempos, Jesus denuncia uma religiosidade rígida, formal e a-pática, um culto dissociado da misericórdia e da com-paixão diante da dor do outro. À pergunta quase acadêmica do doutor da lei, Jesus finaliza a parábola erguendo a questão primordial: em vez de perguntar quem é o meu próximo importa identificar quem se fez próximo, quem

⁸ São João Paulo II, Carta Apostólica *Dominicae Cena* 5-6 e *Mane Nobiscum Domine*, 27

⁹ Lucas 10,25-37

se comportou como tal, aproximando-se do outro ferido. Bem recordou o Papa Francisco que *“participar da Eucaristia compromete junto aos demais, principalmente dos pobres, educando-nos a passar da carne de Cristo à carne dos irmãos, na qual ele espera ser reconhecido, servido, honrado e amado por nós”*¹⁰. Dos textos neotestamentários, até os pronunciamentos dos últimos papas, passando pela bela e genuína Tradição dos Padres da Igreja, encontramos uma infinidade de referências às exigências morais e sociais da celebração Eucarística.

Na realidade de nossa Igreja Particular, deixemo-nos interpelar: como celebrar a Eucaristia e permanecer in-sensíveis (como que anestesiados) diante do grito de dor de tantos irmãos nas margens das estradas, quer sejam migrantes, desempregados, famintos e enfermos, quer sejam os ameaçados e aviltados por interesses vis de empresas mineradoras e grileiros? A Eucaristia alimenta e sustenta uma

¹⁰ Audiência Geral de 04 de abril de 2018.

Igreja Samaritana, como tão bem tem sido a fisionomia desta Diocese nestas quase seis décadas de sua caminhada. A figura de Dom José Rodrigues, nosso segundo bispo (1974-2003), está profundamente associada à atenção aos pobres e à afirmação profética de sua dignidade e de seus direitos.



4. ALGUMAS ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Como vimos, a Eucaristia está desde sempre no coração da vida da Igreja, como fonte e cume de toda sua ação e presença no mundo. Como indica o eloquente relato dos Discípulos de Emaús¹¹, Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística em cada Missa iluminam e aquecem os corações dos discípulos de Jesus e os enviam pelos caminhos da História. É dessa firme convicção que brota da fé e com zelo pastoral que apresentamos aqui algumas orientações e determinações.

1. Tem sido sempre mais comum por todo Brasil (por vezes divulgados exhaustivamente em redes sociais) alguns excessos e ab-usos que desviam o Culto do Mistério Eucarístico de seu mais belo e profundo sentido espiritual e devocional. Exemplo dessa realidade é a prática de transladar o Santíssimo Sacramento

¹¹ Lucas 24,13-35

no meio da assembleia durante a Santa Missa ou durante o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa para que os fiéis toquem no ostensório portado pelo sacerdote, mesmo – em algumas situações – depois de terem comungado o Corpo do Senhor pouco antes na Celebração Eucarística.

Creemos que a fragilidade de uma Catequese sobre os mistérios de nossa fé propicia o recurso à “espetacularização”, com fortes apelos à emotividade dos participantes por parte de alguns. O percurso Mistagógico do Itinerário de Iniciação Cristã quer justamente ajudar os discípulos de Jesus a reconhecermos na singeleza dos sinais sacramentais (pão e vinho) a presença real do Senhor. Nutridos por uma catequese profunda e sólida não necessitamos desses recursos estranhos e em nada fiéis à sã doutrina para que acolhamos e celebremos essa presença “*viva e vivificante*” do Senhor entre nós na “*módica forma de pão*”¹² .

¹² São Francisco de SAssis, Carta a Toda a Ordem, 26-29

A propósito, não deixemos de valorizar os momentos pessoais e ou comunitários de silêncio na presença do Santíssimo Sacramento devidamente exposto ou recolhido em sacrário. Ainda não poderia deixar de acentuar o que bem enfatiza o papa Bento XVI na *Sacramentum Caritatis*: “a adoração eucarística é apenas o prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior ato de adoração da Igreja: receber a Eucaristia significa colocar-se em atitude de adoração d'Aquele que comungamos. Precisamente assim, e apenas assim, é que nos tornamos um só com Ele e, de algum modo, saboreamos antecipadamente a beleza da liturgia celeste”¹³

A Instrução *Redemptionis Sacramentum*, de 2004, explicita que é “de responsabilidade do Bispo diocesano dar normas sobre as procissões, mediante as quais se prevê a participação nelas e a sua decência e promover a adoração dos fiéis.” Por outro

¹³ *Sacramentum Caritatis*, 66

lado, somente dois são os traslados solenes com o Santíssimo Sacramento previstos pelo Rito Romano, a saber: na Quinta-feira santa, com a âmbula coberta com o véu (e não com o ostensório), da Mesa do Altar para o local da vigília, a qual perdura até a Celebração da Paixão do Senhor na Sexta-feira santa¹⁴; e na Solenidade de Corpus Christi, para a procissão solene com o Santíssimo Sacramento no ostensório¹⁵. Em celebrações marcadas pela bênção do Santíssimo Sacramento (como em novenas e festas de padroeiros) torna-se oportuno também uma pequena procissão festiva, sem os excessos mencionados acima. Em sendo assim,

► Fica proibido o traslado festivo do Santíssimo Sacramento fora daqueles momentos possíveis aqui referidos. Cuidemos sempre com reverência para não banalizarmos este sublime Sacramento, confundindo-o com as muitas devoções que não se equiparam à Sagrada Liturgia, que precisa ser acolhida

¹⁴ Missal Romano sobre a Quinta-feira Santa, n. 15 e 16; Cerimonial dos Bispos 306 e 307

¹⁵ Cerimonial dos Bispos 391; Doc. 2a, CNBB, Pastoral dos Sacramentos de Iniciação Cristã, pág. 85 e 86.

como dom e não como um instrumento ou meio para atrair devotos (ou qualquer outra finalidade).

2. Determinamos por razões pastorais (como, por exemplo, devido ao número reduzido de sacerdotes para atenderem às comunidades cristãs) e à luz da própria essência do mistério eucarístico, a proibição das chamadas **“MISSAS PARTICULARES”** (com uma única intenção a pedido de familiares do defunto). Os fiéis que desejam celebrar a Eucaristia em sufrágio de um ente querido o façam nas missas da própria comunidade, sabendo que o poder e o alcance da ação purificadora do Sacrifício Eucarístico em nada perdem sua eficácia em celebrações com outras intenções do Povo de Deus reunido em Assembleia. A Eucaristia é celebração da Igreja, Corpo de Cristo, e o caráter comunitário eclesial lhe é indissociável. Se por fortes razões pastorais (em pequenas comunidades onde não ocorrem celebrações eucarísticas com

frequência) o pároco reconhecer a necessidade de que seja celebrada a Eucaristia em sufrágio de apenas um falecido em ocasião especial (7º ou 30º dias de falecimento, por exemplo) não peça espórtula ou pagamento de despesas aos familiares do defunto para essa mesma celebração.

3. Um dos textos mais citados do Beato Antônio Rosmini [1797-1855), é, certamente, o famoso *Cinco Chagas da Santa Igreja*, escrito entre 1832 e 1833 e apenas publicado em 1848. Rosmini lamenta o distanciamento entre presbíteros e demais fiéis na celebração eucarística, sendo que a estes últimos cabia “assistir” à celebração enquanto o padre a “rezava”. Somente pouco mais de cem anos depois puderam os bispos reunidos no Concílio Vaticano II estar atentos a essa realidade e afirmar com lucidez:

“A Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como

estranhos ou expectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos na palavra de Deus”¹⁶

Cuidemos firmemente, caros irmãos, para que não tenhamos retrocessos no tocante ao impulso e animação da participação ativa dos fiéis nas nossas celebrações Eucarísticas e da Palavra. Ao cuidado com os que exercem o ministério de proclamação da Palavra de Deus (leitores), sua devida preparação, deve acrescentar-se com firmeza a atenção aos nossos chamados ministérios de música. Não devem ser, pois, grupos que se apresentam nas celebrações, mas que exercem um serviço ministerial em favor da assembleia celebrante. Cantos devidamente ensaiados com o povo e suas letras disponibilizadas (folhetos, projeções...) prestam um belo favor à participação dos fiéis. Os que compõem essas

¹⁶ Constituição Sacrosanctum Concilium, 48

equipes de canto não podem, jamais, substituir o povo, mas animar seu louvor através do canto litúrgico. Como é bonito quando ouvimos as vozes dos fiéis em nossas celebrações! Por vezes (não poucas) até em celebrações da Crisma nas comunidades, os crismandos nem conhecem os cantos que são entoados na ocasião em que recebem o dom de Deus por excelência! As melodias dos salmos devem seguir o que prescreve o Hinário Litúrgico da CNBB, mas por incontáveis vezes ouvimos melodias e tons sem a preocupação com a resposta do povo de Deus em oração.

4. Pedimos encarecidamente que em toda as igrejas e capelas haja sempre zelo pelas nossas sacristias, onde são guardados os paramentos e outros objetos de culto. Por vezes o descuido e desatenção tem transformado esses espaços importantes em depósitos de quinquilharias e coisas desnecessárias às celebrações. Por vezes nem mesa encontramos para que o Presidente da Celebração se prepare com tranquilidade e

concentração para o que vai realizar na pessoa de Cristo.

5. A Campanha da Fraternidade deste ano é ecumênica e oportunamente traz o lema: "*Cristo é a nossa Paz - Do que era dividido fez uma unidade*". Pedimos, assim, que nas festas dos padroeiros de nossas comunidades e paróquias o tema central possa ter presentes o lema dessa iniciativa tão relevante da Igreja do Brasil e o Ano Eucarístico Diocesano. Como acenamos acima, a Eucaristia é fonte e expressão de unidade, levando-nos a sermos propugnadores de comunhão e diálogo fraterno e cortês com todos.

6. Na Solenidade de Cristo Rei deste ano, dia 21 de novembro, realizaremos o **II CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO!** O Primeiro Congresso aconteceu em setembro de 1966 e está gravado na memória e no afeto de tantos diocesanos. Esta será uma bela ocasião para darmos testemunho público de nossa fé na

Eucaristia e de crescermos no aprendizado de suas exigências e lições. Pedimos às paróquias e grupos que criem iniciativas de sintonia e de preparação para esse momento singular. A Festa de Corpus Christi poderá ser uma ocasião privilegiada de celebração e reflexão sobre a Eucaristia na vida e Missão da Igreja.



CONCLUINDO

Amados diocesanos, nestes tempos de Pandemia e de necessário distanciamento social, com a suspensão de celebrações presenciais em nossas igrejas durante meses, tantos de nós percebemos o quanto a Eucaristia, a participação na Ceia do Senhor, encoraja e sustenta nossos passos de discípulos missionários. Diante de tantos que explicitavam seu desejo de comunhão sacramental e manifestavam o quanto sentiam falta desse encontro com o Senhor e com os irmãos, vinha em meu coração a certeza de que quem primeiro deseja essa conformidade é o próprio Jesus. No início daquela ceia derradeira ele disse aos seus discípulos: "*Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa*"¹⁷. Desde então seu coração arde de amor e de impulso de unidade conosco e o faz de modo especial quanto estamos re-unidos acolhendo seu mandamento: "*fazei isto em memória de mim*"¹⁸. Por isso, preocupa-nos saber que em

¹⁷ Lucas 22,15

¹⁸ 1 Coríntios 11,24

nossa Diocese, de centenas de comunidades, a maioria delas não tem assegurado o direito à Eucaristia dominical (tantas, nem mensal) devido ao reduzido número de sacerdotes e por estarem tão distantes das sedes paroquiais. Por outro lado, são tantos os leigos abnegados que alimentam seus irmãos com o Pão da Palavra nas celebrações do Dia do Senhor!

Que este ANO DIOCESANO DA EUCHARISTIA produza muitos frutos de autêntica devoção e de vida eclesial revigorada em nossas comunidades e grupos (pastorais, movimentos, associações...). Que nossa amada Padroeira, a Senhora das Grotas, no seio de quem o Verbo se fez carne, inspire-nos no amor a Jesus e na capacidade de respondermos com ousadia e audácia evangélicas aos tantos desafios do tempo presente.



+ Beto Breis, ofm